



## BIBLIOTECA MÁRIO DE ANDRADE

### PROJETO MEMÓRIA ORAL

**JOSÉ CARLOS CAMPOS**

Hoje, 31 de outubro de 2005, a Biblioteca Mário de Andrade dá continuidade ao seu projeto de Memória Oral, que busca reconstruir a história da Biblioteca, sob diferentes perspectivas, entrevistando o ex-funcionário José Carlos Campos, que atuou em diferentes setores. Na captação de imagem Washington Oliveira, na captação de som, Paulo Eduardo, e na condução do depoimento, Daisy Perelmutter.

**Daisy Perelmutter:** Bom, José Carlos, a gente gostaria de iniciar o depoimento pedindo para que o senhor nos contasse um pouco sobre a origem das atividades profissionais dos seus pais.

**José Carlos Campos:** Meu pai era tintureiro e minha mãe era empregada doméstica. E quando eu comecei a trabalhar, eu trabalhava em uma farmácia, perto de casa.

**DP:** Em Perdizes?

**JCC:** Isso, em Perdizes.

**DP:** E a sua família era de onde? Eram de São Paulo os seus pais?

**JCC:** Isso, todos de São Paulo.

**DP:** E os estudos, o senhor estudou até que idade?

**JCC:** Eu estudei até o quarto ano do primário. Depois eu fui trabalhar na farmácia, onde eu fiquei mais ou menos uns cinco anos. Aí eu conheci uma senhora chamada Noemi Duval Penteadó e ela me convidou para trabalhar na prefeitura, e eu aceitei. Eu vim para cá com uns 19, 18 anos para trabalhar no setor de raridades. Eu trabalhei no setor de raridades uns 15 anos, depois eu fui trabalhar na portaria e fiquei lá mais uns 15 anos. Eu me tornei encarregado da portaria e fiquei mais ou menos uns 18 anos de encarregado da portaria. Aí eu me interessei pelo setor de encadernação. Eu incorporei a chefia da torre e da portaria e passei a trabalhar na encadernação. Aí me ofereceram a chefia da encadernação para ficar mais um ano. Eu fiquei lá e me aposentei por problemas de saúde.

**DP:** Eu vou voltar lá para trás. Eu queria, primeiro, que o senhor nos contasse como é que foi o impacto da chegada à Biblioteca. Quais foram as primeiras percepções que o senhor teve da Biblioteca? Como foi a sua adaptação aqui?

**JCC:** Eu estranhei porque eu nunca tinha entrado em uma biblioteca. O dia em que entrei foi um impacto muito grande, porque eu nunca tinha conhecido uma biblioteca e eu não sabia que tinha tantos livros assim. Depois, com o tempo, eu fui me acostumando, fui conhecendo – fui procurando conhecer mais a Biblioteca – e gostei.

**DP:** E a sua primeira atividade foi na seção de obras raras? Gostaria que o senhor nos contasse um pouco sobre como era o cotidiano de trabalho.

**JCC:** Eu entrei para fazer limpeza, para conservar os livros do setor de raridades. Então a minha encarregada me ensinou como é que tinha de fazer, como tinha que limpar, me ensinou que eu não podia limpar com pano úmido, era só com pano seco, com aspirador. Eu fiquei com três andares para limpar. Primeiro era o terceiro andar, o segundo andar e a sala. Então, sempre limpando, sempre conservando, nunca deixando pó, nada, porque o setor de raridades é o setor de livros muito antigos e



valiosos. Então eu consegui conservar limpo. Depois ela me passou para encarregado do setor de limpeza dos livros. Ali eu era encarregado e eu é que tomava conta dos andares. Ficava com a chave. Aí eu peguei o gosto de limpar. Quer dizer, limpar eu já limpava bem, mas aí ficou melhor ainda. Nesses 15 anos em que eu fiquei lá, nunca sumiu um livro. E só eu ficava com a chave. Disso daí eu tenho o maior orgulho.

**DP:** E o senhor era o único a fazer esse trabalho?

**JCC:** Eu tinha muito prazer em fazer este trabalho, não tinha mais ninguém, era só eu.

**DP:** E a manutenção era feita de quanto em quanto tempo?

**JCC:** Não tinha tempo, acabava um andar e já subia para o outro, acabava um andar e já subia para o outro para que todos eles ficassem sempre limpos, porque o setor de raridades é mais usado por historiadores, o consulente é mais graduado. Então não poderia ficar sujeira nenhuma, nada empoeirado. Do terceiro eu descia para a sala, da sala para o segundo andar, subia para o terceiro outra vez, sempre limpando...

**DP:** E aí o senhor foi ficando durante esses dez anos. O senhor teve uma formação? Porque o senhor me disse que a diretora lhe ensinou como era o procedimento. Eu queria saber se havia o entendimento desses livros raros, se os funcionários tinham algum tipo de iniciação, de entender com o que estavam trabalhando.

**JCC:** Sim, quem trabalhava na raridade tinha de entender dos livros da Biblioteca, porque aí não vale. Não poderia ser qualquer funcionário, os funcionários que trabalhavam eram todos escolhidos a dedo.

**DP:** O senhor se lembra de como era essa escolha, como é que era essa seleção?



**JCC:** Eram só bibliotecárias que trabalhavam nestes andares. O único que não era bibliotecário era eu, que fazia a limpeza dos livros, por isso eu não precisava ter conhecimento. Depois, com o tempo, eu fui conhecendo os livros, pegava e manuseava, e aí eu fui conhecendo todos aqueles que estavam em raridades. Hoje eu sei dizer, mais ou menos, o que é uma raridade, como aquele livrinho pequeno, que cabia na palma da mão...

**DP:** E o senhor estabeleceu uma relação afetiva com os livros?

**JCC:** Bastante, até hoje! Quando eu entro na Biblioteca me dá um arrepio, que só eu sei.

**DP:** Depois, o senhor então foi para a torre?

**JCC:** Aí eu descii para a portaria. Eu fiquei lá mais dez anos. Ali eu estava trabalhando como funcionário. Eu tinha um encarregado, que se chama José Walter Fernandes, que concordou, e me disse o seguinte: “Olha, José Carlos, eu vou passar para chefe do departamento da secretaria nossa, aqui. Você vai ficar no meu lugar. Só você pode ficar”. Então eu aceitei. Ele foi como diretor encarregado. Era só encarregado da portaria. Então a Lúcia, que era diretora daqui, me chamou na sala dela e me disse o seguinte: “Olha, José Carlos, para o encarregado da portaria eu não tenho quem colocar. Você quer ficar como encarregado da torre? Você pode pegar o cargo de encarregado da torre?”. E eu fiquei lá na portaria. Eu fiquei mais uns oito ou sete anos tomando conta dos dois. Aí eu incorporei. Eu incorporei e aí eu falei que não dava mais. Eu incorporei e fui para o serviço de encadernação. Aí eu me interessei e fui aprendendo, aprendendo e aprendendo. Tanto é que, aqui, quando eu entrava antigamente, eu entrava nove horas, e saía cinco horas, cinco e meia. Então eu descii para a encadernação, para aprender, e sem ganhar nada. Aí, num belo dia, a Tânia, que era chefe da encadernação, aí me disse: “Você quer ir para a área de encadernação?”. Eu disse: “Quero!”. Aí o Roberto, um funcionário, um sujeito bom,



muito experiente, que trabalhava na encadernação disse: “Vamos lá que eu te ensino”; eu fui lá e aprendi a encadernação. Aí, num belo dia, eu estava lá, aí chegou o Camilo, que era chefe, e me disse: “Eu quero passar o meu cargo para você. Aí você vai pegar para você. Não contrataram ninguém, nada, então pega para você”. Peguei, e fiquei mais um ano como chefe da encadernação, e me aposentei como chefe do setor de encadernação. E eu tenho muito orgulho.

**DP:** Eu gostaria que o senhor nos contasse um pouco do seu cotidiano na portaria, as dificuldades que o senhor enfrentava... O senhor disse que tinha um número muito pequeno de funcionários...

**JCC:** A maior dificuldade que se teve lá foi a dificuldade de funcionários. De manhã só trabalhavam dois: eu e Altira Batista de Melo, que se aposentou também. Então eu tinha de tomar conta da portaria e conta da torre. Então eu revezava. Às vezes eu tinha de ficar na portaria, e ela ia para torre. Tomava conta da caixa e dos andares. Às vezes ela ficava na portaria, e eu ficava na torre. Ficava assim até chegar os funcionários da tarde. Aí foi muito duro. Mas, mesmo assim, deu para vencer.

**DP:** E isso foi em que ano, em que época? De que ano a que ano o senhor teve de fazer esse turno?

**JCC:** Na portaria, se não me engano, 2001 a 2002, 2003.

**DP:** E foram os últimos anos em que o senhor ficou na encadernação?

**JCC:** É, foram os últimos anos que fiquei na encadernação. Eu fiquei dois anos na encadernação até me aposentar.

**DP:** Até 2004?



**JCC:** Isso, isso mesmo.

**DP:** E como era esse cotidiano lá na encadernação? Quais eram os procedimentos?

**JCC:** Porque eu só ficava na encadernação, não tinha outro serviço a fazer. Era funcionário da encadernação e fazia encadernação, e fui me aperfeiçoando cada vez mais. Na encadernação tive aula de encadernação, tinha professor que dava aula também para outros funcionários de outras bibliotecas, eu fazia todos os tipos de curso de encadernação, e aprendi bastante.

**DP:** E como é que era? Os livros que chegam lá... Qual era o critério para a escolha dos livros que eram encadernados? Eram os mais antigos?

**JCC:** Não tinha escolha. O critério é o que chegar primeiro e o que for mais urgente. O que viesse a gente estava arrumando. O mais urgente eram os que vinham da torre, os livros que os consulentes pediam todo dia, esses passavam na frente dos outros. A gente arrumava e já mandava para a torre.

**DP:** E o número de funcionários, ele se mantém? Ele era muito pequeno?

**JCC:** A mesma coisa.

**DP:** Porque era muito especializada...

**JCC:** Muito especializada, porque ter, não tem, e eles não chegaram a contratar. Tanto é que eles tiravam um cargo de outro lugar, mas que eram funcionários também... Então era eu, o Camilo, o José Roberto e a dona Quitéria, que trabalhou com a gente também, mas se aposentou. Ficou um ano só com a gente.



**DP:** E, senhor José Carlos, e em relação à estrutura interna da Biblioteca? O senhor estava falando sobre os trabalhos todos que o senhor desenvolveu aqui, em geral, há uma comunicação entre os vários setores? Nesses trinta anos em que o senhor esteve aqui, as pessoas tem conhecimento dos diferentes trabalhos?

**JCC:** Não tem e também eles não se interessam. Eles se interessam só por aquele setor. Eles não têm conhecimento do que é encadernação e não querem aprender. E é verdade isso aí, eles não se interessam.

**DP:** Então não teve esse momento em que as áreas se integraram? Isso é uma coisa que a gente sabe muito pouco do cotidiano das outras áreas, que a gente fica muito segmentado...

**JCC:** Não tem, e isso é verdade. Não tem essa comunicação. Tanto é que, quando eu estava lá na Raridades, tinha o setor de áudio-visual. Eu procurei o setor de audiovisual e descia todo dia lá pelo meio-dia, até umas duas horas, e ficava lá aprendendo.

**DP:** O que o senhor fazia?

**JCC:** No audiovisual era o seguinte: lá tinha slides para você ver, para o consulente ver. E tinha música, curso de alemão, de inglês. Eu colocava e ensinava como tinha que manusear a máquina de audiovisual.

**DP:** Mas isso o senhor fez isso por iniciativa própria. Aliás, o senhor sempre teve iniciativa própria?

**JCC:** Fazia isto por iniciativa própria. Sempre tive iniciativa, vontade de aprender; quando eu gosto de um negócio, eu vou aprendendo.

**DP:** E aqui na Biblioteca, é um prato cheio para quem tem vontade de aprender?



**JCC:** É um prato cheio para quem tem vontade. Trabalhei em raridades, na mapoteca, na portaria, não teve setor que eu não trabalhei aqui.

**DP:** E aqui na mapoteca, qual foi a sua função?

**JCC:** É, aqui na mapoteca era porque o consulente queria os mapas e eu pegava e entregava os mapas para os consulentes.

**DP:** E como é que é trabalhar com o público? O senhor gosta?

**JCC:** Para atender o público você tem que ter paciência porque público tem uns que são bons e outros que não, sobretudo na portaria, que você tem que ter jogo de cintura, porque aí consulente às vezes vinha emburrado, e você tinha que ir brincando, e você dava risada...

**DP:** E o senhor se lembra de alguma história interessante? De algumas histórias engraçadas, que não foram engraçadas, mas que foram marcantes?

**JCC:** Tem uma história marcante, que não foi engraçada. Tinha um consulente que queria agredir um funcionário daqui, aí eu achei um pouco chato isso aí. Aí eu falei com a diretora Lúcia, e ela o proibiu de entrar aqui.

**DP:** E ela não deixou mais ele entrar aqui?

**JCC:** Ele não pôde mais entrar na Biblioteca. Uma história engraçada que teve é que a dona Cecília, quando eu era chefe na portaria, ela foi puxar um tapete no chão, enroscou o pé e caiu. E vendo isto, eu não aguentei e comecei a rir. E ela, vendo isso, começou a rir também. Outra coisa engraçada é que a janela da sala era fechada. Aí eu fui abrir a janela lá em cima, eu não sei quem é que fechava. Aí, fui, assim, e assim, e



aí quebrou o vidro da janela; e a mulher, que estava sentada, correu e foi embora. Aí ela olhou para trás, e correu assustada.

**DP:** E, José Carlos, em relação às chefias da Biblioteca, às várias administrações? Eu não sei, aqui, quantas você pegou...

**JCC:** Todas!

**DP:** E seria legal se você nos contasse os períodos mais prósperos, quando o senhor percebeu que a Biblioteca se desenvolveu, que conseguiu atender melhor...

**JCC:** Quando eu comecei aqui era a dona Noemi, e a Biblioteca era excelente. O período que eu passei agora deste último ano, esta diretora que está agora, a dona Marfisia Pereira de Souza Lancellotti, eu vi que ela está fazendo coisas boas para as áreas que não tem muita visibilidade, você vê que ela está fazendo coisas boas pela Biblioteca.

**DP:** E das chefias diretas, como foi a sua relação com seus coordenadores?

**JCC:** Nunca tive nenhum problema, sempre me dei bem com todos os diretores. Tinha uma diretora, esqueci o nome dela, que era rígida, acho que era Eni. Você não podia sair da sua seção e ir para outra que ela não permitia, mas eu sempre me dei bem com ela.

De uma diretora eu tenho uma crítica, na verdade uma queixa. Eu estava fazendo um curso de encadernação lá no Liceu de Artes, eu e o Roberto. A gente já sabia tudo de encadernação, só queríamos o diploma. E algumas pessoas foram procurar a diretora, que era a dona Marli, essas pessoas que não queriam fazer nada, só queriam atrapalhar a gente, foram pedir bolsas de estudo para ela. E o secretário disse para não dar bolsas de estudo para ninguém. Graças a isto, nós tivemos que sair do curso porque teríamos que pagar metade e eu não tinha dinheiro para pagar metade



do curso. Então a única bronca, a mágoa que eu tenho, é com a dona Marli por isso, por não ter o meu diploma de encadernador.

**DP:** O que ela alegou?

**JCC:** Ela alegou que tinha outras pessoas que queriam fazer cursos para não ir trabalhar. Então ela caiu no conto dessas pessoas. Ela disse: “Já que não pode ir mais ninguém, então vocês vão sair também”. E faltavam seis meses para eu pegar o diploma.

Depois disso continuamos a fazer o serviço e fomos nos aprimorando, conversando. Eu cheguei a formar outros profissionais com diploma e tudo e eu não tenho diploma.

**DP:** E o senhor aprendeu tudo na raça? Quer dizer, observando?

**JCC:** Observando, conversando... Eu cheguei para o José Roberto, e ele: “É assim, assim e assim”, e eu aprendi na raça.

**DP:** E o senhor chegou a formar outros profissionais?

**JCC:** Cheguei a formar outros profissionais, com diploma e tudo, e eu mesmo não tenho o diploma.

**DP:** E para o senhor desempenhar essa função, o senhor precisaria, necessariamente, ter esse diploma?

**JCC:** Não, na verdade, seria para ficar numa fila. Mas, como era serviço particular, então não precisava não.



**DP:** E o senhor acha que tinha uma política de valorização do funcionário, de crescer, de se desenvolver? Ou você acha que esse caminho que você trilhou é muito da sua própria iniciativa?

**JCC:** Foi pela minha iniciativa sim. Se eu não tivesse iniciativa eu continuaria limpando livro, o que eu acho que não é demérito para ninguém. Eu fui me interessando, voltei a estudar, não terminei a oitava série porque fiquei doente.

**DP:** E o senhor foi estudar depois, no supletivo?

**JCC:** Fui estudar depois, mas eu queria voltar e concluir a oitava série.

**DP:** E a sua formação? Você acha que, depois de trabalhar tantos anos na Biblioteca, o senhor se sente mais familiar com os livros?

**JCC:** Sim, eu aprendi muito, sei que eu aprendi Mário de Andrade, bastante autores. Antigamente eu não sabia nada, não sabia nem abrir um livro, não sabia nem o que era página de rosto. Na Biblioteca, aprendi muita coisa mesmo, mas muita, muita coisa mesmo. Aqui eu abri a minha mente para estudar porque antes não queria saber de estudar, porque a gente trabalha em uma biblioteca, mas não tem tempo de ler um livro. Então eu comecei a comprar livros e ler em casa. Comprava uns livrinhos... Agora eu leio os livros.

**DP:** E com relação aos colegas? Com quem o senhor teve mais afinidade? Quem foram as pessoas que mais o ajudaram aqui na Biblioteca?

**JCC:** Que me ajudaram foram o José Walter Fernandes e também o José Roberto Tomás da Silva, que era chefe e me ajudou muito na Biblioteca, me ajudou mesmo. Ele era chefe da encadernação. Então tiraram a chefia dele, e passaram para outra pessoa. E ele me ajudou muito, também...



**DP:** E o senhor se lembra do marco... Parece que a criação do Centro Cultural foi um marco muito importante para a Biblioteca. Parte do acervo foi deslocado para o Centro Cultural, que houve inclusive uma mudança na clientela, que a Biblioteca atendia um público muito grande. Nesse momento, reduziu-se o número de usuários da Biblioteca. Eu queria, do ponto de vista do funcionário: o senhor se lembra de ter havido uma mudança tão grande?

**JCC:** Mudou, porque aqui, de sábado, que era dia de plantão, tinha gente que não entrava na Biblioteca porque ficava uma fila enorme na porta. Conforme o pessoal ia saindo, a gente ia botando para dentro. Mas, mesmo assim, não dava. Tinha só 202 lugares, como é que você iria fazer? Só se se arrumasse mais lugares. Hoje, de sábado, não tem fila, mudou bastante, mudou muito.

**DP:** E isso foi nessa época, ou o senhor acha que foi um pouco depois?

**JCC:** Foi bem nessa época quando criaram o Centro Cultural.

**DP:** E o senhor chegou a trabalhar lá?

**JCC:** No Centro Cultural eu não cheguei a trabalhar. Cheguei a trabalhar na biblioteca da Lapa, na Rua Catão, na sala de pesquisa, quando a Biblioteca ficou fechada para reforma.

**DP:** E lá você também fazia atendimento?

**JCC:** Também fazia atendimento. Mas lá eu não me dei muito bem não.

**DP:** E isso foi quando? Foi quando a Biblioteca ficou fechada?



**JCC:** Isso, depois da reforma. Depois a Lúcia pediu para nós voltarmos. Nós voltamos e aconteceu um acidente, porque tinha poucos funcionários e a gente teve que voltar rapidinho para cá. Nós voltamos na época em que os pedreiros ainda estavam trabalhando e tínhamos que arrumar os livros e colocá-los certinho nos andares, porque tinha que inaugurar. Era o final da época da Erundina e tinha que inaugurar. Então ficou tudo jogado de qualquer jeito no container, isso porque eles não mandaram os funcionários daqui para arrumar, mandaram os funcionários da empreiteira arrumar. Então, como eles não sabiam o valor do livro... Então, o que eles faziam: eles jogavam nos containeres e jogavam os livros de qualquer jeito. Misturou a classificação de livros... Nós tivemos que rever tudo isso para recolocar os livros nas estantes, foi uma judiação.

**DP:** E nisso o senhor estava sozinho, ou tinha outras pessoas fazendo também?

**JCC:** Tinha, mais ou menos, umas vinte pessoas.

**DP:** Tinha de refazer a classificação e...?

**JCC:** Tinham que fazer a reclassificação, a limpeza e montar as estantes, e com a classificação toda direitinho.

**DP:** E por que o senhor acha que se perdeu muito livro nessa época, na hora de sair daqui para ir para o container?

**JCC:** Na hora de sair daqui para ir para os containeres, tanto é que você via que às vezes a fichinha estava lá, mas o livro não.

**DP:** E o senhor vivenciou isso várias vezes?



**JCC:** Várias vezes. Aí o consulente nos pedia, que a fichinha estava ali, mas o livro não.

**DP:** E essa dimensão. O senhor, que não está mais lá, acha que os funcionários de lá tem uma estimativa de quanto se perdeu do acervo?

**JCC:** Eu acho que não tem. Eu acho que não fizeram um levantamento para ver o que se perdeu e o que não se perdeu. Mas eu acho que não tem essa estimativa não.

**DP:** E quando a Biblioteca reabriu? Como é que foi? O público se manteve, porque a Biblioteca ficou fechada por mais de um ano?

**JCC:** Ficou fechada por um ano.

**DP:** Muito tempo, não é, para uma biblioteca dessa natureza?

**JCC:** Muito tempo, porque em um ano as bibliotecas dos bairros ficaram todas lotadas. Porque a biblioteca de bairro não tem o que tem aqui. Então não dá conta.

**DP:** E como foi a sua volta aqui?

**JCC:** A volta foi boa, muito boa porque os consulentes ficaram contentes. Abriu só aparentemente, porque por trás as coisas ainda estavam todas ruins, tudo em desordem. E a gente foi arrumando, acertando, tirando as coisas dos andares.

**DP:** E quem era a diretora na época?

**JCC:** Na época a diretora era a Lúcia Neíza.

**DP:** E foi um trabalho difícil, esse, não? Porque foi uma transição...



**JCC:** Foi um trabalho difícil porque só tinha umas vinte pessoas, porque arrumar todo esse acervo de jornal e livros não é brincadeira não.

**DP:** E o senhor trabalhou nos periódicos também?

**JCC:** Eu trabalhei nos periódicos também.

**DP:** E o senhor fazia o atendimento também?

**JCC:** Fazia o atendimento e arrumava os jornais.

**DP:** E como é que foi essa sua experiência nos periódicos?

**JCC:** Eu acho que foi mais fácil porque conservar a limpeza dos jornais, de limpar, conservar e arrumar os jornais, eu acho que sempre foi fácil.

**DP:** E o público que frequenta é diferente do que frequenta a coleção geral?

**JCC:** É diferente, porque o público é mais maneiro, e eu já sou mais nervoso.

**DP:** O senhor é mais nervoso?

**JCC:** É, porque, antigamente eram 15 minutos de tolerância. E aí, passava aquele tempo, eu já ia ficando nervoso. Porque, se passava esse tempo e não se encontrava nada, aí já tinha de procurar a diretora. Então, era isso que acontecia.

**DP:** O senhor se lembra de uma história curiosa, seja na seção de arte, ou mesmo nos periódicos, ou alguma experiência que o senhor tenha tido? Enfim, alguma pesquisa que você tenha se envolvido? Porque os interesses são tão variados, o que motiva as pessoas a virem aqui é tão variado...



**JCC:** Uma experiência assim eu não me lembro. Eu acho que não tive não.

**DP:** E com relação à captação dos funcionários da saúde, como foi esse impacto quando eles chegaram?

**JCC:** Eles se adaptaram bem. Algumas pessoas tiveram dificuldades, no caso. Mas outras se adaptaram bem. Porque a gente ensinava, deixávamos as pessoas à vontade e eles se adaptaram bem, tanto é que eles estão aqui até hoje e que uma delas hoje é encarregada. Para outras era difícil, mas se adaptaram muito bem.

**DP:** E você acha que isso era uma característica da própria Biblioteca, essa coisa de assimilar os outros funcionários?

**JCC:** Eu não tive pessoas que ficaram me ensinando continuamente. As pessoas ensinavam, tinha que ser isso, isso e assim, e depois largavam. Mas, agora, quando vieram estas pessoas da saúde, teve gente que ficou em cima, ajudando. Mas acho que isso vai da pessoa.

**DP:** E em relação a prefeitos, secretários de cultura...? Destes todos que já passaram por aqui, que tiveram uma relação mais direta, o que é que o senhor se lembra de algum que trouxe algo para aqui, algo mais para a Biblioteca?

**JCC:** Os únicos prefeitos que vieram aqui foram o Pitta e o Maluf. Gostei muito do Paulo Maluf porque ele foi muito humilde, entrou pela portaria, veio dar a mão para mim, me pediu licença, eu gostei muito dele. O secretário Guarnieri também... Os outros secretários eu não conheci, os outros secretários só de nome. Atualmente eu nem sei qual é o atual secretário da cultura.

**DP:** O atual secretário da Cultura? É o Carlos Augusto Calil?



**JCC:** É, sim...

**DP:** Agora eu gostaria que o senhor nos falasse dos momentos mais felizes, mais marcantes do senhor aqui na Biblioteca.

**JCC:** O momento mais marcante foi quando eu trabalhei em raridades, um ano que eu estava lá, ganhei tanto presente da minha chefe, ganhei agradecimentos, fizeram uma festinha para mim, coisa que eu nem esperava. Para mim este foi o momento mais marcante foi quando foi o meu aniversário e a Belmira me falou: “Olha, a diretora me disse que estava te procurando, que ela está bronqueada com você”. Aí minha mão estava tremendo, eu pensei comigo: “Puxa, o que foi que será que eu fiz?”. Aí eu fui até a sala dela, e quando abri a porta da sala da diretora, foi aquela festa, e todo mundo: “Parabéns pra você...” Aquilo foi um momento marcante.

**DP:** E como foi quando o senhor se afastou?

**JCC:** Eu nunca chorei. Mas, quando eu me aposentei, eu chorei. Quando ela me falou: “O senhor vai se aposentar”, aí eu chorei.

**DP:** E como o senhor acha que você será lembrado? Quais as características marcantes que você deixou como funcionário?

**JCC:** Eu deixei coisas boas aqui. Se eu não tivesse deixado coisas boas, não estaria aqui falando com você, ninguém se lembraria de mim.

**DP:** Você é bem lembrado, é verdade.

**JCC:** Então eu acho que deixei aqui coisas muito boas, e bastantes amigos.

**DP:** E qual foi a experiência especialmente difícil que o senhor viveu aqui?



**JCC:** Difícil, difícil, foi quando eu soube que estava doente, que eu estava com problemas no rim, foi um momento marcante na minha vida.

**DP:** E você acha que a instituição foi solidária com o senhor?

**JCC:** Foi. Foi sim. As duas diretoras foram muito boas.

**DP:** E quando o senhor saiu, quem ficou no seu lugar. Porque você estava na encadernação. O senhor treinou, ensinou a pessoa que foi substituí-lo?

**JCC:** Não, porque lá tem dois profissionais, o José Camilo e o José Roberto. Então e não precisou treinar ninguém, até porque eles sabem mais do que eu. Porque quem me ensinou foram eles, mais o José Roberto. Eu estava lá, como eu estava em outro lugar da Biblioteca. Então, eu estava contente porque uns aprendiam, e outros não aprendiam.

**DP:** E, senhor José Carlos, o que o senhor acha da condição do servidor? Você acha que teve uma mudança muito grande, de quando o senhor entrou na década de 1970, se havia maior valorização, maior incentivo em relação ao tempo em que o senhor esteve aqui?

**JCC:** Eu acho que havia mais incentivo quando eu entrei aqui, agora eles não estão mais dando muito valor para as pessoas, os funcionários. Antes os funcionários trabalhavam, estavam mais contentes, estavam com mais vontade. Agora eu acho que isso está mais largado. É a minha opinião.

**DP:** O senhor foi sentindo ao longo do tempo essa mudança?



**JCC:** Eu acho que foi mudando sim, porque, antigamente, você trabalhava mais, mas tinha mais valor. E é por isso que hoje o funcionário não quer mais trabalhar. Não quer fazer nada porque ele não tem incentivos, não tem nada. Então eu vejo assim.

**DP:** E o senhor viveu aqui, de tempos em tempos, os diretores costumavam se reunir, porque uma coisa que o senhor comentou que nunca teve, a tradição das áreas se encontrarem, essa ausência do interesse do funcionário de compreender melhor o outro setor... Houve um momento em que isso funcionou melhor? Havia uma política de integração?

**JCC:** Não, nunca houve isso aí e eu acho que deveria ter uma vez por mês um dia que você vai para a sessão do outro para saber o que está sendo feito lá, eu acho que se deveria fazer isso aí. E nenhuma diretora fez isso por enquanto.

**DP:** E como é que o senhor vê a Biblioteca depois que o senhor saiu? O que você sente ao ver a Biblioteca?

**JCC:** Eu me senti muito bem. Com a ideia da reforma, eu me senti muito bem, porque a Eni só limpava... Porque a reforma que a Erundina fez, não fez a reforma inteira. Agora eu estou vendo a reforma mesmo. Porque nós fomos jogados aqui. Ali, naquela sala, se você visse, o teto estava caindo na nossa cabeça. Aí, quando a Neíza entrou aqui, ela me disse: “Nossa! Nós vamos reformar esta biblioteca, principalmente a parte de encanamento”. E ela está fazendo, eu vejo isso. Ela veio, fez tudo direitinho.

**DP:** E o senhor sente orgulho de ter participado de uma das instituições mais tradicionais do país? Como o senhor se sente de ter participado de um equipamento como esta Biblioteca?

**JCC:** Eu me sinto muito orgulhoso de ter trabalhado aqui. Porque eu falo para os meus amigos: “Eu trabalhei na Biblioteca Municipal”.



**DP:** E as pessoas conhecem, hoje em dia, quando o senhor fala?

**JCC:** Conhecem, porque, quando eu estava, tinha recorte do jornal, escrito “Biblioteca Municipal”, então eu dizia: “Eu trabalhei aqui”. Então eu me sinto muito orgulhoso. Se eu pudesse voltar para trabalhar, eu voltaria.

**DP:** O senhor voltaria?

**JCC:** Eu voltaria.

**DP:** E a sua família vinha aqui visitá-lo na Mário de Andrade?

**JCC:** Não, porque eu nunca gostei que a família viesse ao trabalho não.

**DP:** O senhor não deixava?

**JCC:** Não, não deixava. Eu nunca gostei.

**DP:** E o senhor tem filhos?

**JCC:** Não. Eu tenho um de criação.

**DP:** E ele já veio à Biblioteca, ou não?

**JCC:** Já, ele já veio aqui, mas eu não gostava muito, não.

**DP:** Ele não criou um gosto especial?



**JCC:** Não, não gostou. Sempre foi criado assim. Mas a minha esposa, eu falei, ele voltava e entrava aqui, queria trabalhar. Então eu falei que ele nunca mais ia no meu serviço.

**DP:** E o senhor não o levava à biblioteca?

**JCC:** Se ele quisesse, eu levaria para outra biblioteca. Porque esse negócio de pôr parente no serviço... Quer dizer, você pode contratar... Eu, em todo esse tempo, nunca coloquei um parente aqui.

**DP:** E em relação à doença, quando o senhor parou, você se sentiu respaldado aqui?

**JCC:** Olha, todos. Desde o funcionário pequeno, até o funcionário lá em cima, todos. Eu fiquei muito contente. Porque as pessoas gostam de mim, o chefe gosta de mim. Porque todas as pessoas que viram chefes depois “descem o couro” nos funcionários. Então me levaram ao hospital... Fiquei grato mesmo.

**DP:** E nesse período em que o senhor se afastou, o senhor não conseguia deixar de vir?

**JCC:** Eu vinha aqui na cidade, e quando eu menos começava a perceber, eu já estava na Biblioteca. Porque, quando eu vinha aqui, eu tinha vontade de trabalhar. Porque eu me aposentei com licença doença. Eu não podia trabalhar porque eu me aposentei por causa da doença, mas eu queria trabalhar. Aí o José Roberto: “Mas você não pode mexer em nada”. Aí eu falei: “O que é que eu vou fazer?”. Aí arrumei um negócio para eu fazer, arrumei um serviço fora daqui para fazer e estou lá. E estou contente de estar aqui hoje.

**DP:** Que bacana! José Carlos, você gostaria de falar alguma coisa?



**JCC:** Eu só queria agradecer esses anos todos em que eu estive na Biblioteca, principalmente à Marfísia e à Ângela, que eu queria agradecer a elas.

